




**DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NA ESCOLA PARAÍSO EM BRASIL
NOVO – PA**

**CHALLENGES AND PERSPECTIVES OF YOUTH AND ADULT EDUCATION:
REPORT OF AN INTERNSHIP EXPERIENCE AT PARAÍSO SCHOOL IN BRASIL
NOVO – PA**

**DESAFÍOS Y PERSPECTIVAS DE LA EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS:
INFORME DE UNA EXPERIENCIA DE PRÁCTICAS EN LA ESCUELA PARAÍSO
DE BRASIL NOVO – PA**

 <https://doi.org/10.56238/levv16n53-047>

Data de submissão: 16/09/2025

Data de publicação: 16/10/2025

Michael Gonzaga dos Santos

Graduando em Pedagogia

Instituição: Universidade Federal do Pará (UFPA)

E-mail: michaelmaikowsanttos115@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-7730-9109>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4289254332285571>

Jakson José Gomes de Oliveira

Doutor em Psicologia Social

Instituição: Universidade Federal do Pará (UFPA)

E-mail: jaksonoliveira@ufpa.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-4757-8737>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2931232663247149>

RESUMO

Este artigo apresenta um relato de experiência de estágio, com o objetivo de analisar os desafios e as possibilidades vivenciadas pelos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), e como esses fatores impactam sua permanência e aprendizagem. Sendo assim elegemos o seguinte problema de pesquisa: Quais são os desafios e as possibilidades vivenciadas pelos alunos da educação de jovens e adultos na Escola Paraíso, em Brasil Novo – PA, e como esses fatores impactam sua permanência e aprendizagem? A EJA é fundamental por oferecer o direito ao retorno aos estudos a quem não pôde estudar na idade certa, sendo vista como um campo de direitos e um espaço de valorização das trajetórias e saberes dos sujeitos, e não apenas como reposição escolar. O trabalho também discute o conceito de Andragogia, que reconhece que o adulto aprende de forma diferente da criança, valorizando suas experiências de vida. O estudo adotou uma abordagem qualitativa e descritiva-exploratória, utilizando a observação participante durante o estágio e a aplicação de questionários semiestruturados a alunos frequentes e uma desistente. Pode-se concluir que os desafios da EJA estão intrinsecamente ligados às condições socioeconômicas e emocionais dos alunos, e que a evasão não é fruto de desinteresse, mas de uma realidade inviável de conciliação. A EJA na Escola Paraíso é reconhecida como um espaço de resistência e transformação, mas exige políticas públicas mais consistentes e práticas pedagógicas que valorizem a experiência do aluno, garantindo não só o acesso, mas condições reais para a permanência e conclusão dos estudos.

Palavras-chave: Andragogia. Educação de Jovens e Adultos. Desafios. Permanência. Relato de Experiência.

ABSTRACT

This article presents an internship experience report, aiming to analyze the challenges and opportunities experienced by Youth and Adult Education (EJA) students and how these factors impact their retention and learning. Therefore, we chose the following research problem: What are the challenges and opportunities experienced by Youth and Adult Education (EJA) students at the Paraíso School in Brasil Novo, Pará, and how do these factors impact their retention and learning? EJA is essential because it offers the right to return to school to those who were unable to study at the appropriate age, and is seen as a field of rights and a space for valuing individuals' trajectories and knowledge, not simply as a means of making up for school. The work also discusses the concept of andragogy, which recognizes that adults learn differently than children, valuing their life experiences. The study adopted a qualitative, descriptive-exploratory approach, using participant observation during the internship and the administration of semi-structured questionnaires to regular students and one dropout. It can be concluded that the challenges of EJA are intrinsically linked to the socioeconomic and emotional conditions of students, and that dropout rates are not the result of disinterest, but rather of an unfeasible reality of reconciliation. EJA at Escola Paraíso is recognized as a space for resistance and transformation, but it requires more consistent public policies and pedagogical practices that value the student experience, ensuring not only access but also real conditions for retention and completion of studies.

Keywords: Andragogy. Youth and Adult Education. Challenges. Retention. Experience Report.

RESUMEN

Este artículo presenta un informe de experiencia de prácticas profesionales, cuyo objetivo es analizar los desafíos y las oportunidades que experimentan los estudiantes de Educación de Jóvenes y Adultos (EJA) y cómo estos factores impactan su retención y aprendizaje. Por lo tanto, se planteó el siguiente problema de investigación: ¿Cuáles son los desafíos y las oportunidades que experimentan los estudiantes de Educación de Jóvenes y Adultos (EJA) en la Escuela Paraíso en Brasil Novo, Pará, y cómo estos factores impactan su retención y aprendizaje? La EJA es esencial porque ofrece el derecho a regresar a la escuela a quienes no pudieron estudiar a la edad apropiada, y se considera un ámbito de derechos y un espacio para valorar las trayectorias y los conocimientos de las personas, no simplemente como una forma de compensar los estudios. El trabajo también aborda el concepto de andragogía, que reconoce que los adultos aprenden de manera diferente a los niños, valorando sus experiencias de vida. El estudio adoptó un enfoque cualitativo, descriptivo-exploratorio, mediante la observación participante durante las prácticas y la aplicación de cuestionarios semiestructurados a estudiantes regulares y a un desertor. Se puede concluir que los desafíos de la EJA están intrínsecamente ligados a las condiciones socioeconómicas y emocionales de los estudiantes, y que las tasas de deserción escolar no son resultado del desinterés, sino de una realidad de conciliación inviable. La EJA en Escola Paraíso se reconoce como un espacio de resistencia y transformación, pero requiere políticas públicas y prácticas pedagógicas más consistentes que valoren la experiencia estudiantil, garantizando no solo el acceso, sino también las condiciones reales para la permanencia y la culminación de los estudios.

Palabras clave: Andragogía. Educación de Jóvenes y Adultos. Desafíos. Retención. Informe de Experiencia.

1 INTRODUÇÃO

A educação de jovens e adultos (EJA) sempre teve um papel muito importante dentro da educação brasileira. Mais do que garantir acesso a escola, ela abre espaços para que pessoas que não puderam estudar no tempo certo, possam retornar aos estudos e reconstruir sua trajetória. Como afirma Arroyo (2005), a EJA não deve ser vista apenas como uma reposição, mais como um campo de direitos, em que os jovens e adultos precisam ser reconhecidos como sujeitos de experiências e saberes.

No estágio realizado na Escola Paraíso, em Brasil Novo – PA, foi possível perceber de perto a realidade dessa modalidade. A turma era formada por alunos de diferentes idades e histórias de vida. Muitos chegavam depois de um dia inteiro de trabalho pesado, outros precisavam caminhar longas distâncias até a escola, enfrentando chuva e lama. Apesar de tudo isso, traziam consigo uma vontade muito grande de aprender. Soares, Giovanetti e Gomes (2005) e Di Pierro e Haddad (2000) destacam que cada estudante da EJA tem um motivo pessoal para voltar à escola, e isso se reflete no esforço e nas falas de cada um.

Um ponto que chamou bastante atenção foi a questão dos materiais didáticos. Muitas vezes, os recursos utilizados não eram pensados para adultos, o que gerava frustração. Di Pierro (2008) chama isso de “infantilização pedagógica” e explica que essa prática pode afastar ainda mais os alunos, já que muitos deles esperam encontrar algo diferente daquilo que os fez abandonar os estudos no passado. “O problema reside na frequente transposição para a formação dos jovens, adultos e inclusive idosos de formas de organização do ensino, de currículos e metodologias da educação de crianças e adolescentes” (Di Pierro, 2008, P. 11).

Haddad e Di Pierro (2000) também lembra que a evasão na EJA não é resultado de falta de interesse, mas sim das condições de vida difíceis que muitos enfrentam, como muitas das vezes é interpretado. Na verdade, se trata de algo mais complicado, que envolvem fatores emocionais. Muitos alunos, mesmo desejando aprender, enfrentam dificuldades para permanecer na escola porque precisam conciliar trabalho pesado, responsabilidades familiares e longas distâncias até a instituição que estuda.

Diante dessas experiências, surgiu a seguinte questão de pesquisa: quais são os desafios e as possibilidades vivenciadas pelos alunos da educação de jovens e adultos na Escola Paraíso, em Brasil Novo – PA, e como esses fatores impactam sua permanência e aprendizagem?

A justificativa para este trabalho está em dar voz aos alunos, mostrando suas dificuldades, mas também sua determinação. Mill (2015) reforça que a flexibilização pedagógica é essencial para que escola respeite os ritmos e condições de cada estudante. Quando olhamos para a realidade da EJA, percebemos que os alunos não buscam apenas aprender conteúdos, mas também serem respeitados em sua caminhada e reconhecidos pelo esforço que fazem para continuar estudando.

Assim, o objetivo geral deste estudo é analisar os desafios e as possibilidades vivenciadas pelos alunos da EJA na Escola Paraíso, em Brasil Novo – PA. Os objetivos específicos são:

1. Identificar as dificuldades socioeconômicas, geográficas e emocionais enfrentadas pelos alunos.
2. Refletir sobre como essas dificuldades influenciam sua permanência e aprendizagem
3. Valorizar as motivações e conquistas dos estudantes, apontando caminhos que fortaleçam sua permanência na escola.

Pensando em tudo isso, dá pra perceber que a EJA vai muito além de ensinar conteúdo. Ela é, na verdade, uma chance de mudança de vida para muita gente. Cada aluno que chega à escola carrega suas próprias histórias, dificuldades e sonhos, e é justamente isso que dá sentido a essa modalidade. Olhar para esses estudantes, entender o que eles enfrentam e valorizar suas conquistas não é só uma tarefa acadêmica, mas também um compromisso humano.

Por isso, este trabalho nasce do desejo de unir a prática vivida no estágio com a reflexão teórica, para compreender de forma mais próxima a realidade da EJA na Escola Paraíso em Brasil Novo – PA. Tendo como foco o seguinte problema de pesquisa: Quais são os desafios e as possibilidades vivenciadas pelos alunos da educação de jovens e adultos na Escola Paraíso, em Brasil Novo – PA, e como esses fatores impactam sua permanência e aprendizagem?

2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida com alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Paraíso, em Brasil Novo – PA, onde foi realizado o estágio supervisionado. A escolha desse público se deve ao fato de que eles são o centro deste estudo. São suas histórias, desafios e conquistas que dão sentido à pesquisa.

O trabalho segue uma abordagem qualitativa, porque não busca medir dados em números, mas compreender os significados da experiência dos alunos. Como destaca Minayo (2001), a pesquisa qualitativa é a mais adequada quando se quer entender sentimentos, percepções e sentidos atribuídos pelas pessoas às suas próprias trajetórias.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.” (Minayo, 2001, p. 21).

O caráter do estudo é descritivo e exploratório. Descritivo porque procura registrar de forma detalhada a realidade observada, como as dificuldades no acesso, a rotina dos alunos e suas

experiências dentro da sala de aula. É exploratório porque busca refletir sobre essas situações, levantando possibilidades de melhorias (Gil, 2008).

Os instrumentos utilizados foram dois. O primeiro foi a observação participante, realizada durante o estágio, acompanhando a dinâmica da turma e registrando no diário de campo as práticas pedagógicas, o ambiente da escola e a forma como os alunos se relacionam. O segundo foi o questionário semi estruturado, aplicado diretamente a alguns alunos, que permitiu levantar informações sobre suas dificuldades, expectativas e motivações.

Esses instrumentos são adequados porque colocam os estudantes no centro da pesquisa. Como lembra Triviños (1987), questionários e entrevistas semiestruturadas dão liberdade ao sujeito para se expressar, mas ao mesmo tempo direcionam o pesquisador para alcançar seus objetivos.

A análise dos dados foi feita a partir da análise de conteúdo, proposta por Bardin (1977), que permite organizar as informações coletadas em categorias para facilitar a compreensão dos principais pontos.

Toda a pesquisa segue os princípios éticos previstos na Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. A participação foi voluntária e os alunos tiveram seu anonimato garantido, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Com essa metodologia, a intenção é unir teoria e prática: de um lado, as experiências reais vividas pelos alunos da EJA; de outro, as reflexões teóricas que ajudam a compreender e valorizar essas vivências.

3 CONTEXTO HISTÓRICO E LEGISLAÇÃO DA EJA

A história da EJA no Brasil está diretamente ligada às desigualdades sociais. Durante muitos anos, a alfabetização de adultos foi vista apenas como uma medida emergencial, e não como um direito. Esse olhar começou a mudar de forma mais consistente com a Constituição Federal de 1988, que garante, no artigo 208, o ensino fundamental obrigatório e gratuito inclusive para aqueles que não tiveram acesso na idade certa (Brasil, 1988).

Mais tarde, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9.394/96 – reforçou essa conquista ao definir, em seu artigo 37, que a EJA deve oferecer oportunidades de aprendizagem tanto no ensino fundamental quanto no médio, respeitando as condições dos jovens e adultos (BRASIL, 1996).

O Plano Nacional de Educação (PNE), instituído pela Lei nº 13.005/2014, também trouxe metas específicas para a modalidade, como a ampliação da escolarização e a redução do analfabetismo entre jovens e adultos (Brasil, 2014).

Essas leis mostram que a EJA é um direito garantido, mas, na prática, os alunos ainda enfrentam barreiras para permanecer na escola. No estágio, foi possível ver estudantes que precisavam caminhar

quilômetros para chegar, outros que se sentiam inseguros por terem ficado muitos anos longe dos estudos, e ainda aqueles que enfrentavam o cansaço de uma jornada de trabalho antes da aula.

Essa diferença entre o que está na legislação e o que acontece no dia a dia revela a distância que ainda existe entre a teoria e a prática. Arroyo (2005) alerta que a EJA não pode ser tratada como simples “recuperação de atraso escolar”, mas como um espaço de reconhecimento das trajetórias de vida. Ou seja, garantir o direito à educação não é apenas oferecer vaga, mas criar condições reais para que o aluno permaneça e aprenda.

A Educação de Jovens e Adultos não deve ser vista como mera reparação de lacunas escolares, mas como uma ação afirmativa que reconhece a dignidade de sujeitos trabalhadores, com suas histórias de vida e saberes próprios, negados historicamente pela escola.” (Arroyo, 2005, p. 19).

Arroyo (2005) critica a ideia de que a EJA existe apenas para “corrigir o fluxo” da educação regular ou preencher déficits de aprendizagem de quem não estudou na idade apropriada. Essa visão, chamada por muitos de função supletiva, tende a desconsiderar o sujeito, focando apenas na certificação ou na conclusão do que “ficou para trás”. Sendo assim, na concepção de Arroyo (Op. Cit.), quando a EJA é vista apenas como reparação, o currículo e a didática correm o risco de replicar o modelo da escola regular, ignorando a experiência de vida e o tempo-espaço-cultural dos estudantes adultos e jovens.

Se a EJA não deve replicar o modelo de ensino de crianças e adolescentes, entra em contexto a Andragogia, que significa, conforme Quirino (2017), “a arte e a ciência de fazer o adulto a aprender”. O adulto não aprende da mesma forma que uma criança; ele traz uma bagagem enorme: são anos de experiência de vida, trabalho pesado e grandes desafios. Por isso, na Andragogia, o aluno precisa se sentir respeitado como uma pessoa que tem seu próprio conhecimento e ritmo, e que busca na escola algo que seja útil em sua vida. Essa abordagem exige que o professor atue como um facilitador e um parceiro, valorizando o “reservatório de experiências” do aluno como o principal recurso para a construção de novos saberes (Quirino, 2017, p. 161).

Essa é a grande diferença que a Andragogia traz para o contexto da EJA: ela entende que o estudante adulto é autodirigido, ou seja, ele decide o que, como e por que aprender, e a motivação dele é interna, ligada a uma necessidade ou sonho real. A prática pedagógica, nesse sentido, deve ser flexível, valorizando as experiências do aluno e usando o diálogo como ferramenta principal, como defendia Paulo Freire (1996).

Knowles (1980) explica que o adulto aprende de maneira diferente da criança, pois traz consigo um conjunto de experiências e vivências que influenciam diretamente seu modo de aprender. Por isso, o papel do educador na EJA não é apenas transmitir conteúdos, mas criar oportunidades para que o aluno se reconheça como sujeito ativo, capaz de aprender e aplicar esse conhecimento na sua própria

vida. Quando o professor valoriza a história e a trajetória do estudante, o processo de ensino se torna mais significativo, respeitando o ritmo, o tempo e a realidade de cada um.

Na Andragogia, conforme (Quirino, 2017), diferentemente da criança, o adulto tem uma necessidade maior de saber o porquê está aprendendo algo, buscando sempre que o novo conhecimento tenha utilidade imediata em sua vida pessoal ou profissional. Por isso, a prática pedagógica na EJA deve se afastar da educação comum, que trata o aluno como depósito de informações, e se concentrar em métodos que valorizam sua trajetória.

No Brasil, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) enfrenta o desafio de colocar em prática a Andragogia de forma que faça sentido para a realidade social do país (Pôncio, 2023). Para que isso aconteça, é essencial que esse modelo pedagógico dialogue com o pensamento crítico de Paulo Freire, valorizando a experiência de vida do adulto e promovendo sua autonomia na compreensão e transformação do mundo ao seu redor. Dessa forma, a EJA não se limita a corrigir lacunas educacionais, mas se torna um espaço de respeito, onde o adulto é reconhecido em sua trajetória e encorajado a usar o conhecimento adquirido para transformar sua própria realidade.

4 O INÍCIO DA EJA NO BRASIL E SUAS CONQUISTAS

A história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil mostra como esse direito foi sendo conquistado aos poucos. Desde a década de 1940 já existiam campanhas de alfabetização voltadas para adultos, mas foi a partir dos anos 1960 que o debate ganhou mais força, principalmente com as ideias de Paulo Freire. Ele defendia que a alfabetização não deveria ser apenas aprender a juntar letras, mas também despertar consciência crítica e transformar a vida das pessoas.

Nos anos 1970 surgiu o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização). Apesar das críticas por ser muito mecânico e pouco ligado à realidade dos alunos, o programa marcou um esforço do governo em atender milhões de pessoas que ainda eram analfabetas. Foi uma iniciativa que mostrou a dimensão do problema no país e a necessidade de políticas mais consistentes.

Com a Constituição Federal de 1988 e, depois, com a LDB de 1996, a EJA passou a ser reconhecida de forma mais clara como um direito. Isso representou um avanço importante: não se tratava mais de uma ação emergencial ou compensatória, mas de uma modalidade garantida em lei, com a mesma legitimidade que as outras etapas da educação. Desde então, houve conquistas como a inclusão da EJA no Plano Nacional de Educação, os programas de alfabetização e ações de busca ativa para trazer de volta quem havia deixado os estudos.

Mesmo assim, olhando para a realidade de hoje, percebemos que muita coisa ainda deveria ter avançado. A evasão continua sendo um dos maiores problemas, faltam materiais que realmente falem da vida do adulto trabalhador e muitas metodologias ainda são adaptadas do ensino regular, sem considerar a experiência de quem está na EJA. O que deveria ter sido conquistado até aqui é uma maior

valorização da modalidade, formação específica para professores e políticas públicas mais fortes que garantam não apenas o acesso, mas também a permanência e a aprendizagem.

5 A EJA NO MUNICÍPIO DE BRASIL NOVO

Quando se olha para a história da educação em Brasil Novo, percebe-se que ela começou de forma bem simples. Lá na década de 1970, quando o município ainda estava em formação, foram criadas as primeiras salas de aulas nas agrovilas e também na sede do distrito que pertencia ao município de Altamira, ligadas ao processo de colonização. Nesse início, a Igreja Católica teve grande participação, já que padres e freiras ajudavam a organizar as atividades escolares diante da falta de estrutura.

Nos anos 1990 aconteceu algo marcante: o Projeto Gavião. Ele foi muito importante e ajudou na formação de professores chamados de leigos, que já davam aula, mas não tinham uma preparação adequada. Esse projeto, feito junto com a Universidade Federal do Para (UFPA), o Ministério da Educação (MEC) e Secretaria de Educação, foi um passo fundamental para melhorar a qualidade do ensino no município.

Hoje a Educação de Jovens e Adultos (EJA) faz parte dessa história. Ela acontece tanto na cidade quanto nas comunidades da zona rural, geralmente nos turnos da noite. Atende pessoas de perfis bem diferentes: trabalhadores que não conseguiram estudar na idade certa e também jovens que, por algum motivo, acabaram deixando a escola regular. Uma coisa que chama atenção é que o público da EJA vem mudando. Antes, a maioria era formada por adultos; agora, muitos jovens também estão buscando essa modalidade como uma forma de não ficar sem estudar.

Mesmo com os avanços, ainda existem desafios parecidos com os que vemos no resto do Brasil. Em Brasil Novo, os alunos também precisam enfrentar o cansaço do trabalho, a distância até a escola e, muitas vezes, materiais didáticos que não se encaixam bem com sua realidade. Apesar disso, a EJA segue tendo um valor enorme, porque representa uma nova chance para quem acredita que a educação pode abrir portas e mudar a própria vida.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa realizada com alunos da educação de jovens e adultos (EJA) da Escola Paraíso, em Brasil Novo – PA, trouxe elementos importantes para compreender os desafios enfrentados e também as razões que levam alguns a permanecer e outros a desistir dos estudos. As entrevistas realizadas com quatro alunos frequentes e uma desistente, mostrando as motivações, dificuldades e expectativas desses estudantes. Os resultados a seguir, são apresentados por pergunta, trazendo falas significativas e relacionando-as com a teoria.

6.1 O QUE MOTIVOU VOCÊ A VOLTAR A ESTUDAR NA EJA?

As falas mostram diferentes motivações para retornar à escola. A entrevistada 2 destacou a busca por independência e liberdade:

Toda vida eu quis estudar, aprender a ler e escrever para me tornar uma pessoa mais livre, pois quando a gente não sabe, somos sempre dependentes dos outros (Entrevistada 2).

A entrevistada 3 relatou que o incentivo veio da filha e que decidiu persistir mesmo com muitas dúvidas:

Agora que eu estou aqui, vou até o fim... enquanto eu tiver vida e existir essa escola, eu vou enfrentar qualquer desafio para esta aqui (Entrevistada 3).

Essas falas mostram que a motivação para estudar na EJA vai além de apenas ter um papel provando que estudou, envolve sonhos, reconhecimento e o desejo de conquistar independência. Segundo Freire (1987), a educação é prática de liberdade, permitindo que o sujeito leia o mundo para além da escrita. Nesse sentido, quando um aluno retorna à escola, ele não busca apenas aprender a ler e escrever de forma técnica. Cada palavra aprendida significa menos dependência dos outros e mais segurança para lidar com o dia a dia.

Além disso, a decisão de voltar a estudar também carrega um peso enorme. Muitos alunos relataram que sempre tiveram o desejo de aprender, mas as dificuldades da infância, como trabalho ainda sendo criança, precisar cuidar de irmãos mais novos interromperam o processo de alfabetização. Arroyo (2005) afirma que a EJA deve ser reconhecida como um espaço de afirmação de trajetórias de vida, pois cada aluno carrega consigo uma história marcada por excussão, mas também por resistência.

6.2 QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS DIFICULDADES QUE VOCÊ ENFRENTA PARA FREQUENTAR A ESCOLA?

A entrevistada 1, desistente, destacou o peso do trabalho e da rotina doméstica:

Eu trabalho muito, chego tarde em casa, chegava na aula bem atrasada e sem contar o tanto de coisa que precisava fazer em casa após chegar da escola, então acabei desistindo (Entrevistada 1).

Já o entrevistado 4 reforçou o cansaço físico, porém as entrevistadas 2 e 3, disseram não enfrentar dificuldades, já que contam com o apoio da família para transporte e incentivo:

Sou pedreiro e carpinteiro, chego tarde em casa, muito cansado que acabo perdendo o ânimo para vim estudar algumas vezes (Entrevistado 4).

Esses relatos mostram que a evasão não é fruto de desinteresse, mas de obstáculos. Como lembra Haddad e Di Pierro (2000), as condições de vida, trabalho pesado, responsabilidades familiares e limitações físicas, interferem diretamente na permanência. Na prática, isso significa entender que o estudante da EJA não chega à sala de aula vazio, mas carrega consigo uma rotina cheia de obrigações: cuidar da casa, sustentar a família, lidar com doenças, enfrentar longas jornadas de trabalho ou até resolver problemas com filhos e netos. Tudo isso ocupa tempo e energia, deixando a escola muitas vezes em segundo plano, mesmo quando existe vontade de continuar.

A entrevistada desistente deixou isso claro ao relatar que problemas com a família e a falta de tempo foram decisivos para abandonar os estudos. Esse tipo de situação mostra que a evasão não está ligada apenas ao cansaço ou à distância até a escola, mas também à pressão emocional e social que muitos carregam. Di Pierro (2008) reforça que a vida fora da escola pesa tanto quanto as condições dentro dela, e que a permanência só é possível quando há políticas públicas e práticas pedagógicas que reconheçam essa realidade.

6.3 COMO VOCÊ AVALIA OS MATERIAIS E MÉTODOS UTILIZADOS EM SALA DE AULA?

De modo geral, os alunos avaliaram de forma positiva. O Entrevistado 3 comentou que o material “não parece apenas de criança”, enquanto o Entrevistado 4 elogiou os professores, dizendo que “dão muita atenção”.

Embora simples, essas avaliações confirmam que o mais importante não é o recurso em si, mas a forma como o professor o utiliza. Freire (1996) lembra que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades de construção. Assim, quando os professores conseguem adaptar o conteúdo à realidade dos alunos, o material cumpre sua função.

O sucesso que alguns alunos percebem na Escola Paraíso não está no livro didático, mas em como o professor consegue trazer aquele conteúdo para a realidade deles. Quando o que se aprende na aula de matemática serve para calcular um orçamento de pedreiro, ou quando a leitura ajuda a entender uma conta de luz, o aluno sente que a escola faz sentido na vida dele. Essa conexão é o que desmonta aquela sensação de que a escola não é pra mim, e transforma a sala de aula em um lugar de utilidade, não só de teoria distante. Afinal, o adulto não tem tempo a perder com coisas que não vão mudar a vida dele de alguma forma.

Entretanto, é preciso olhar esse ponto de forma mais crítica, pois a avaliação positiva dos alunos pode vir de uma base muito baixa de expectativa. Eles podem estar elogiando a simples atenção e o respeito que não receberam em experiências anteriores, e não necessariamente a excelência dos métodos utilizados. É necessário buscar a excelência, com projetos que usem a experiência de vida dos alunos como ponto de partida.

6.4 VOCÊ SENTE APOIO DA ESCOLA E DOS PROFESSORES PARA CONTINUAR OS ESTUDOS?

Todos os entrevistados afirmaram sentir incentivo. A desistente relatou:

Me chamaram para conversar, tentaram me convencer a não desistir, falaram sobre uma alternativa, mas eu não iria conseguir acompanhar mesmo assim (Entrevistada 1).

Já a Entrevistada 3 ressaltou o apoio tanto da escola quanto da família:

Além da professora estar sempre incentivando, os meus filhos em casa sempre dizem: mãe, você não pode falhar na aula, vamos fazer de tudo para que a senhora não falte (Entrevistada 3).

Essas falas reforçam o quanto o vínculo afetivo é essencial. Segundo Arroyo (2005), a EJA deve ser espaço de acolhimento, onde a presença do aluno é celebrada e valorizada.

Fica muito claro que o incentivo da professora e da escola funciona como um combustível emocional para quem está prestes a desistir. A atitude de "chamar para conversar", como relatou a Entrevistada 1, mostra que a escola se importa, e esse vínculo afetivo é muito importante para uma boa relação. Na EJA, o papel do professor vai muito além de dar aula; ele se torna um motivador e, muitas vezes, o único ponto de apoio que o aluno tem em sua luta diária contra o cansaço. Esse acolhimento cria um sentimento de pertencimento que é vital, transformando a instituição em um refúgio seguro, como sugere Arroyo (2005).

Além disso, o apoio da família, como o citado pela Entrevistada 3, é um fator que a escola não pode controlar, mas que influencia diretamente a permanência. Quando os filhos e o marido valorizam a ida à escola, a pressão social e as culpas domésticas diminuem. Isso nos leva a pensar que a EJA precisa de estratégias para envolver a família do aluno, mostrando a importância desse processo para todos. O aluno se sente muito mais motivado, quando a motivação é feita pela escola que o acolhe e pela família que o incentiva a continuar a busca por aquele sonho.

6.5 JÁ PENSOU EM DESISTIR?

As respostas variaram. Enquanto alguns, como os Entrevistados 2 e 3, afirmaram que não pensam em desistir, a Entrevistada 5 revelou estar em dúvida:

Estou pensando em desistir sim, pois vou me mudar para longe e isso vai dificultar a vinda (Entrevistada 5).

Essa questão confirma a análise de Di Pierro (2008), que destaca que a evasão na EJA está ligada mais às condições externas do que à falta de vontade dos alunos.

A entrevistada 1, já tendo abandonado, relatou os fatores externos que a levaram a deixar os estudos:

Surgiram alguns problemas familiares envolvendo neto, então juntou a falta de tempo, trabalho com família e isso foi me deixando sem cabeça para nada, para mim o melhor foi desistir (Entrevistada 1).

Quando questionada sobre a possibilidade de retorno, respondeu:

Não tenho planos para retornar. Por causa do cansaço, estresse familiar, correria do dia a dia e no momento está complicado essa conciliação (Entrevistada 1).

Essas falas mostram como responsabilidades familiares e pessoais influenciam diretamente na permanência escolar. Arroyo (2005) lembra que compreender a EJA exige reconhecer o aluno como sujeito atravessado por múltiplas demandas.

O pensamento na desistência, como o da Entrevistada 5 por causa da mudança, nos mostra que a evasão é quase sempre um abandono forçado, e não uma escolha de desinteresse. O aluno da EJA tem um custo altíssimo para estar ali; o custo de abrir mão de horas de sono, de lazer, e o custo de enfrentar o cansaço. Por isso, quando surge um obstáculo externo, como a dificuldade de transporte, um problema de saúde ou a necessidade de se mudar, o equilíbrio que ele mantém se desfaz. A escola precisa entender que, para esse aluno, desistir não é fácil; é a última alternativa diante de uma realidade que se tornou impossível de conciliar.

O relato da ex-aluna é o mais doloroso, pois revela a soma de fatores que leva ao abandono definitivo: o estresse familiar, o cansaço e a correria do dia a dia. Isso comprova que a EJA não lida com alunos normais, mas com pessoas que têm sua vida totalmente atravessada por crises e necessidades. O professor não compete apenas com o cansaço, mas com toda uma estrutura que empurra o aluno para fora.

6.6 CONCLUSÃO PARCIAL DOS RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base nas respostas obtidas nas entrevistas, percebe-se que a Educação de Jovens e Adultos continua sendo um espaço marcado por desafios, mas também por muita esperança. Os alunos entrevistados demonstram que voltar a estudar é mais do que um ato escolar — é uma decisão de vida, movida por sonhos, pela busca de independência e pela vontade de ser alguém melhor. Para muitos, estar na sala de aula representa vencer barreiras impostas há décadas, desde a infância até a fase adulta.

Entre as motivações mais citadas estão o desejo de aprender a ler e escrever, conquistar independência nas tarefas do dia a dia e servir de exemplo para os filhos. Essas falas revelam que a EJA cumpre um papel importante: não apenas ensinar conteúdos, mas resgatar a autoestima e o

sentimento de pertencimento. Como destaca Paulo Freire (1987), a educação precisa ser libertadora, permitindo ao indivíduo ler o mundo e transformar sua própria realidade.

Por outro lado, também fica evidente que o caminho até a conclusão é cheio de dificuldades. O cansaço físico, o trabalho árduo, a responsabilidade com a família e até o desânimo diante das adversidades são fatores que afetam diretamente a permanência. Muitos desses alunos enfrentam jornadas duplas ou triplas, conciliando emprego, casa e escola. Haddad e Di Pierro (2000) lembram que a evasão na EJA está profundamente ligada às condições sociais e econômicas, e não a uma suposta falta de interesse.

Além disso, a falta de políticas públicas voltadas para a permanência dos alunos é outro ponto crítico. As falas dos participantes mostram que o apoio emocional e pedagógico faz toda a diferença. Quando o aluno se sente acolhido pela escola, ouvido pelos professores e apoiado pela família, suas chances de continuar aumentam significativamente. Esse acolhimento precisa ser entendido como parte essencial da prática educativa e não apenas como um gesto de boa vontade. Di Pierro (2008) reforça que o reconhecimento da experiência de vida do aluno adulto é o primeiro passo para um ensino significativo e humanizado.

Outro aspecto importante é o papel da escola na formação da identidade desses estudantes. Soares, Giovanetti e Gomes (2005) afirmam que a EJA deve ser compreendida como um espaço de diálogo e reconstrução de saberes, onde a trajetória de vida do aluno seja valorizada. Isso se confirma nos depoimentos, pois os entrevistados demonstraram orgulho em poder compartilhar suas experiências e perceber que a escola reconhece sua história.

Dessa forma, os resultados alcançados confirmam que os objetivos da pesquisa foram atendidos. A investigação conseguiu identificar as principais motivações e dificuldades, além de evidenciar o papel importante do apoio escolar e familiar. O problema central da pesquisa — compreender os fatores que influenciam a permanência e a evasão — foi respondido ao mostrar que esses fatores estão diretamente relacionados à vida social e emocional dos estudantes.

Conclui-se, portanto, que a EJA é um espaço de resistência, onde cada aluno representa uma história de superação. Mesmo diante de tantos desafios, há neles uma vontade de aprender e seguir em frente. O desafio que fica para as escolas e políticas públicas é fortalecer ainda mais essa modalidade, garantindo condições reais de permanência e conclusão. A EJA precisa continuar sendo um espaço de acolhimento, liberdade e transformação, onde cada sujeito tenha a chance de reconstruir sua história.

Esses dados estão alinhados diretamente com os objetivos da pesquisa. O objetivo geral, de compreender como os alunos percebem a EJA, foi alcançado ao mostrar que eles veem a escola como espaço de transformação e resistência. Os objetivos específicos também foram respondidos: identificamos as motivações, reconhecemos as dificuldades e analisamos o apoio da escola e dos professores.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho permitiu compreender melhor a realidade dos alunos da Educação de Jovens e Adultos na Escola Paraíso em Brasil Novo e o quanto essa modalidade tem impacto direto em suas vidas. O objetivo de identificar motivações, dificuldades e apoios encontrados pelos estudantes foi alcançado, pois os relatos mostraram que a EJA não é apenas um espaço de ensino, mas também de valorização pessoal, realização de sonhos e conquista de independência.

As entrevistas revelaram que os principais motivos para voltar à escola estão ligados ao desejo de aprender a ler e escrever, de conquistar independência e de retomar uma oportunidade perdida na infância. Por outro lado, também ficou evidente que a permanência na EJA enfrenta obstáculos importantes, como o cansaço do trabalho, as responsabilidades familiares, problemas de saúde e até mudanças de moradia. Esses fatos, muitas vezes, acabam pesando mais do que a vontade de estudar, levando alguns alunos à desistência.

Apesar dessas dificuldades, os alunos destacaram o apoio da escola, dos professores e da família como elementos fundamentais para continuar. Esse incentivo mostrou-se essencial para fortalecer a autoestima e dar ânimo diante dos desafios. Fica claro, portanto, que a permanência na EJA depende não apenas do esforço individual, mas de um suporte que ajude a equilibrar estudo, trabalho e vida pessoal.

O problema de pesquisa, compreender os fatores que influenciam a permanência e a evasão, foi respondido, confirmando que os desafios enfrentados pelos alunos vão além da sala de aula. A evasão não ocorre por desinteresse, mas pelas condições de vida que dificultam a continuidade.

Por fim, conclui-se que a EJA na Escola Paraíso em Brasil Novo – PA é um espaço de esperança e transformação, mas que ainda precisa de políticas públicas mais consistentes para garantir que o direito à educação se traduza em permanência e conclusão. Como limitação, este estudo concentrou-se apenas na voz dos alunos, não alcançando professores e gestores, o que abre espaço para futuras pesquisas. Ainda assim, a contribuição principal deste trabalho foi dar visibilidade à experiência dos estudantes, mostrando que, apesar das dificuldades, eles continuam acreditando que nunca é tarde para aprender e recomeçar.



REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel G. *Ofício de Mestre: imagens e autoimagens*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9.394/96*. Brasília, DF, 1996.
- BRASIL. *Plano Nacional de Educação (PNE): Lei nº 13.005/2014*. Brasília, DF: MEC, 2014.
- DI PIERRO, Maria Clara. *A Educação de Jovens e Adultos no Brasil: história, políticas e desafios atuais*. São Paulo: Cortez, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. *Educação de Jovens e Adultos: o campo político e suas margens*. Cadernos CEDES, Campinas, v. 21, n. 55, p. 19–45, 2000.
- KNOWLES, Malcolm S. *The Modern Practice of Adult Education: From Pedagogy to Andragogy*. Cambridge: The Adult Education Company, 1980. (Obra em inglês).
- MILL, Daniel. *Educação de Jovens e Adultos: reflexões e práticas pedagógicas*. Curitiba: Appris, 2015.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.
- PÔNCIO, Rafael José. *Ensino de Jovens e Adultos: princípios e desafios da Andragogia no Brasil*. 1. ed. Guarujá: Científica Digital, 2023.
- QUIRINO, Gabriel Manganaro Ramos. *Andragogia: A Arte e a Ciência de Fazer o Adulto a Aprender*. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, Edição 02, Ano 02, Vol. 01, p. 159-183, Maio de 2017. ISSN: 2448-0959.
- SOARES, Leôncio José Gomes; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Org.). *Diálogos na educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.